



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DOCENTE

REGINA DA CONCEIÇÃO QUARESMA PINHEIRO

**MEMÓRIAS: O RETROSPECTO DE MINHA HISTÓRIA EDUCACIONAL E
UMA BREVEREFLEXÃO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

ABAETETUBA-PARÁ

2018

REGINA DA CONCEIÇÃO QUARESMA PINHEIRO

**MEMÓRIAS: O RETROSPECTO DE MINHA HISTÓRIA EDUCACIONAL E UMA
BREVE REFLEXÃO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

Memorial apresentado como requisito para obtenção do Título de Graduada em Licenciatura em Pedagogia do Plano Nacional de formação de Professores – PARFOR, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará / Campus de Abaetetuba, sob a orientação do Professor Antônio Azevedo.

Abaetetuba-Pará

2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

P654m Pinheiro, Regina da Conceição Quaresma.
Memórias: : o retrospecto de minha história educacional e uma
breve reflexão de atuação profissional / Regina da Conceição
Quaresma Pinheiro. — 2018.
55 f. : il.

Orientador(a): Prof. Me. Antonio Reis Ribeiro de Azevedo
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2018.

1. Memorial. 2. Vivência. 3. Docência. 4. Formação. I.
Título.

CDD 370

REGINA DA CONCEIÇÃO QUARESMA PINHEIRO

**MEMÓRIAS: O RETROSPECTO DE MINHA HISTÓRIA EDUCACIONAL
E UMA BREVE REFLEXÃO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL.**

Memorial apresentado como requisito para obtenção do Título de Graduada em Licenciatura em Pedagogia do Plano Nacional de formação de Professores – PARFOR, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará / Campus de Abaetetuba, sob a orientação do professor Antônio Azevedo.

Aprovado em ___/___/___

Banca Examinadora

_____ - Orientador

Membro: Antônio Reis Ribeiro de Azevedo

Titulação: Mestre em Ciências da Educação

Instituição: UFPA

_____ - Avaliador

Membro: Ataíde das Chagas Dias

Titulação: Mestre em Ciências da Educação

Instituição: UFPA

_____ - Avaliador

Membro: Alcemir Pantoja Rodrigues

Titulação: Mestre em Educação

Instituição: UFPA

A todos aqueles que compartilharam comigo direta ou indiretamente esse período em que passei pela Academia. Em especial ao meu esposo e minha filha que sempre se dispuseram e não mediram esforços em me apoiar e me ajudarem a mais uma conquista em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me oportunizado mais esta vitória e que sempre esteve guiando meus passos, concedendo-me sabedoria ao lidar com as dificuldades.

Ao meu esposo Benedito Idevaldo que sempre me ajudou chegar até aqui, me incentivando nos momentos mais difíceis da minha vida.

Ao meu pai biológico Martinho Quaresma e minha mãe Maria de Nazaré Quaresma, são eles os merecedores dessa conquista.

Ao meu pai adotivo José Bailão e minha mãe Maria da Conceição, eles fazem parte dessa grande conquista.

A duas pessoas especiais, meu sogro Benedito Pinheiro e minha sogra Maurivalda que sempre estiveram ao meu lado me incentivando nesta caminhada.

Aos meus queridos irmãos Evandro Júlio e Julivan que sempre me apoiaram para que eu continuasse até aqui.

A minha filha amada Yasmin Pinheiro pelo carinho, apoio e incentivo em todos os momentos que precisei e sempre me encorajou a superar as dificuldades.

As minhas queridas amigas Eugênia Patrícia e Maria Madalena, pois juntas vencemos mais um desafio e descobrimos o grande valor da amizade.

Agradeço a todos os profissionais da Universidade Federal do Pará – Campus de Abaetetuba, pelos quatro anos de curso que mudaram a minha vida. Obrigado especialmente a todos os professores pelo aprendizado que me oportunizaram durante este processo de formação.

A todos os meus familiares amigos e colegas.

*“Precisamos conhecer o que fomos, para compreender o que
Somos e decidir o que seremos”.*

Paulo Freire

RESUMO

O presente memorial foi solicitado como trabalho de conclusão do curso de Pedagogia ofertado pela Universidade Federal do Pará (UFPA), tendo como objetivo registrar minhas memórias procedentes da infância, da vida escolar, vivência e prática docente e o ingresso no curso superior, resgatando momentos que são relevantes no percurso de minha vida pessoal e profissional. Reflete ainda o processo de construção do conhecimento durante o período de formação e aprendizagem, bem como as transformações que ocorreram em minha prática educativa, diante de uma nova compreensão das teorias, busco rever minhas concepções pedagógicas.

Palavras – chave: Memorial, vivência, docência, formação.

ABSTRACT

This memorial was requested as a course completion work from the Pedagogy course of the Federal University of Pará. The aim of this work is the register of my childhood memories, my school life, my teaching practice and my entrance in the upper course, reminding important moments from my personal and professional life. This work also aims to remind the knowledge construction process during the period of formation and learning as well the changes occurred in my pedagogical ideas.

Key words: memorial, experiences, teaching, formation.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO -----	10
CAPÍTULO I -----	15
1. BREVE HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL -----	15
CAPÍTULO II -----	20
2. A RETROSPECTIVA DA MINHA VIDA PESSOAL E ESCOLAR -----	20
2.1 Minha origem -----	20
2.2 Minha Infância, meu brincar -----	22
2.3 Meus primeiros passos rumo à escola -----	23
2.4 Conquista do Ensino Médio e do Magistério -----	28
CAPÍTULO III -----	34
3. A EXPERIÊNCIA COMO DOCENTE: A difícil luta do funcionário temporário para se manter no serviço público -----	34
3.1 Experiência no ensino fundamental -----	34
3.2 As memórias de vivências na educação de jovens e adultos -----	36
CAPÍTULO IV -----	42
4. TRAJETÓRIA ACADÊMICA: Novos Saberes para Minha Prática Docente ----	42
4.1 A vinda do campo para a cidade-----	46
4.2 As mudanças ocorridas na minha prática docente após meu ingresso na universidade. -----	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	51
REFERÊNCIAS -----	53

APRESENTAÇÃO

O Presente Memorial, além de ser parte integrante do conteúdo para conclusão do curso de Pedagogia – UFPA terá também a função de informar a todos que o lerem, sobre minha vida escolar e profissional. Sendo que o mesmo abordará alguns dos meus passos e dificuldades para concluir o Curso Superior e assim ampliar minha compreensão da nova visão que se adquire na busca de conhecimentos necessários para formar uma cidadã apta para ser atuante em sociedade, capaz de promover mudanças para um futuro educacional promissor.

Nesse sentido estabeleço relações entre as fases mais marcantes da minha vida, momentos agradáveis da minha infância, meus estudos nos anos iniciais, os desafios para concluir o ensino médio e o magistério, a importância da EJA em minha vida escolar, as escolas nas quais estudei a formação Acadêmica e a vinda do campo para a cidade.

Desse modo o conteúdo deste Memorial enfatizará a História da EJA no Brasil, priorizando as fases mais importantes, sendo mencionados alguns documentos de grande relevância para a educação brasileira como: a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) entre outros.

Diante desse contexto, lembrar minha história é relatar fatos importantes que ocorreram durante meu percurso de vida. As minhas memórias de experiência no ensino e formação buscam lembranças de todas as fases de minha vida, dentre elas a fase adulta quando cursei Pedagogia na Universidade Federal do Pará (UFPA) através do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR).

Portanto a memória é a capacidade de resgatar, armazenar e manipular informações provenientes de interações entre o cérebro e o corpo, de todo organismo. É o suporte de nossos sentimentos e de nossas atitudes diárias, variando de acordo com as diferentes fases da nossa vida. Estas fases estão intimamente ligadas ao aprendizado, uma vez que o aprendizado é a aquisição de conhecimentos e a memória é o resgate desses conhecimentos. Certamente depois de algum tempo, a memória é como uma viagem mental no tempo, ou seja, lembrar o que aconteceu no passado é dar novo significado a memória no presente.

Nessa perspectiva registrar minhas lembranças é dar sentido a minha vida passada e presente. Desse modo, a memória é, portanto, ponto chave para a

construção desse trabalho, que ficará registrado aqui lembranças de minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica. De acordo com Zilberman,

Memória constitui, por definição, uma faculdade de humana, encarregada de reter conhecimentos adquiridos previamente. Seu objeto é um “antes” experimentado pelo indivíduo, que o armazena em algum lugar do cérebro, recorrendo a ele quando necessário. Esse objeto pode ter valor sentimental, intelectual ou profissional, de modo que a memória pode reter a uma lembrança ou recordação; mas não se limita a isso, porque compete aquela faculdade o acúmulo de um determinado saber, a que se recorrem quando necessário (ZILBERMAN, 2005, P.1).

De acordo com a autora a memória é a faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente.

Nesse processo nos propomos a reconstruir nosso passado (distante ou próximo) temos a oportunidade de repensarmos e ponderarmos a respeito de quem somos e de quem temos sido.

Podemos dizer também que o processo de lembrar abre diversas possibilidades, entre as quais a de nos surpreendermos conosco ao longo dessa retomada de recontar e de nos darmos conta de elaborações e reflexões que nem sabíamos.

Entretanto rememorar-nos ajuda a refletir e buscar forças em nós mesmos para indagar sobre o vivido, sobre nossas escolhas e experiências.

Ressalto que a escrita de um memorial de formação através do qual surge a oportunidade de registrar e refazer um processo específico de nossa vida, nos permite outros finais para a história que está em seu pleno transcurso, pois recordar momentos é voltar ao tempo com carinho; deixar registrado para os leitores deste, como cheguei até os dias atuais vencendo todos os obstáculos de minha vida.

Desse modo o registro de um memorial autobiográfico pode reconstruir as experiências vivenciadas pelos (as) professores (as) no percurso de sua trajetória de formação, sendo estes sujeitos históricos em itinerância. Santos (2003) contribui, de maneira significativa, com algumas demarcações no que diz respeito a adoção de abordagens metodológicas que comuniquem uma mudança no campo científico/acadêmico que considere os valores humanos, sociais e culturais:

[...] o caráter autobiográfico e auto referencial da ciência é plenamente assumido [...] Hoje não se trata tanto de sobreviver como saber viver. Para isso é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo, que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos [...] Assim ressubjetivado, o conhecimento científico ensina a viver e traduz-se num saber prático (SANTOS, 2003, p. 85).

Segundo o autor ao reconstruirmos nossa memória, estamos ao mesmo tempo modificando o presente e alterando o futuro. Por esse motivo o trabalho com memória amplia nosso horizonte de possibilidades, pois ela mobiliza e gera novas ações.

Entretanto a sociedade passa por um processo de grandes transformações sociais, e a escola tem sido chamada a responsabilidade no desenvolvimento de seu papel fundamental na formação dos educandos como cidadão (ã) político e social, que deve estar preparado(a) para a vida em sociedade em todos os aspectos: cultural, político e econômico. E o professor como mediador nesse processo tem sido chamado a responder por essas mudanças no que diz respeito à formação do aluno como ser participativo dentro desse contexto. Nesse cenário, refletir acerca da prática docente, sobre o que ensinamos e o que devemos ensinar se faz necessário.

Diante desse contexto, cabe refletir como pessoa e como docente: quais as contribuições do ensino superior na minha formação e na aquisição de novos saberes para minha prática docente?

Partindo dessa problemática os objetivos que pretendo alcançar com este memorial são:

Objetivo Geral:

Reconhecer as contribuições do ensino superior para minha formação e prática docente.

Objetivos Específicos:

Resgatar minha origem, infância, vida escolar e fase adulta quando ingressei na carreira docente.

Descrever alguns acontecimentos decisivos que marcaram minha trajetória docente.

Analisar minha atuação e prática educacional quanto docente enfatizando as mudanças que ocorreram após o ingresso na Universidade e a relevância do curso de Pedagogia na minha trajetória e prática docente.

Referencial Teórico

A fundamentação teórica deste memorial foi baseada em alguns teóricos como: Paulo Freire, Piaget, Farias entre outros. Assim como as fontes pesquisadas para descrever minha vida através das minhas memórias. Para Bosi(1995) a história de minha vida tem a seguinte compreensão;

A compreensão que aflora é que toda história de vida é constituída não apenas de uma ação, mais de várias ações, recordá-las significa rever conceitos, práticas e pensamentos. Desse modo na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é um sonho, é trabalho (...). A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1995, p.55).

Desse modo, o registro desse memorial torna-se indispensável para que eu possa relembrar um pouco de minha história de vida. Resgatando alguns acontecimentos ocorridos em toda as fases de minha vida que foram importantes, pois trouxeram a tona todas as experiências adquiridas ao longo deste percurso, possibilitando-me fazer um resgate de minha vida através de minhas memórias.

METODOLOGIA:

Com base nas diretrizes do enfoque da pesquisa qualitativa, este trabalho se enquadra como um memorial descritivo e tem como objetivo fazer uma descrição autobiográfica da minha história de vida através das lembranças do que vivenciei no passado e poder relembra-las no presente e assim traçar metas para o futuro.

Inicialmente realizei o levantamento bibliográfico na busca de embasamento teórico para a construção da descrição autobiográfica.

Para referenciar memória, nós apoiamos em Queiroz (1988), a história de vida é posta no quadro amplo da história oral que inclui depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias. Ainda entende que toda história de vida é composta por um conjunto de depoimentos e, embora, tenha sido o pesquisador a escolher o tema, a formular as questões ou esboçar um roteiro temático, o narrador que decide

o que narrar. A mesma autora vê na história de vida uma ferramenta valiosa exatamente por se colocar justamente no ponto qual, se cruzam vida individual e contexto social.

Para esse fim, este memorial está dividido em quatro capítulos e considerações finais.

O primeiro apresenta a história da EJA no Brasil.

No segundo capítulo lanço um olhar através da memória para fazer uma retrospectiva de minha vida pessoal e escolar, apresento um panorama histórico de minha origem, onde relato parte da infância, meu brincar, como foi os estudos nos anos iniciais e alguns fatos importantes que marcaram minha fase adulta. Neste capítulo também revelo as dificuldades para concluir o Ensino Médio e o Magistério e a fragmentação nessa fase dos meus estudos.

No terceiro capítulo descrevo alguns acontecimentos decisivos que marcaram minha trajetória de docente.

No quarto capítulo faço uma análise sobre minha história Acadêmica e as contribuições para minha prática Pedagógica e a relevância do curso para minha vida profissional e pessoal.

Por último minhas considerações finais, onde enfatizo a importância deste trabalho e as expectativas futuras.

Enfim, a memória permitiu-me uma conexão subjetiva do tempo presente com tempo passado e através dela foi possível revisitar o passado na atualidade e conservá-lo para o futuro.

CAPÍTULO I

Este capítulo abordará a trajetória da EJA no Brasil, enfatizando algumas datas e documentos importantes para a história da Educação brasileira, bem como ressaltará alguns estudiosos da EJA como Paulo Freire, Soares, Aranha entre outros.

1. BREVE HISTÓRICO DA EJA

Alfabetizar jovens e adultos não é um ato apenas de ensino-aprendizagem é a construção de uma perspectiva de mudança; no início, época da colonização do Brasil, as poucas escolas existentes eram privilégios das classes: média e alta, nessas famílias os filhos possuíam acompanhamento escolar na infância; não havia a necessidade de uma alfabetização pra jovens e adultos, as classes pobres não tinham acesso a instrução escolar e quando a recebiam era de forma indireta, de acordo com Ghiraldelli Jr. (2008, p. 24) a educação brasileira teve seu início com o fim dos regimes das capitanias, ele cita que:

A educação escolar no período colonial, ou seja, a educação regular e mais ou menos institucional de tal época, teve três fases: a de predomínio dos jesuítas; a das reformas do Marquês de Pombal, principalmente a partir da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal em 1759; e a do período em que D. João VI, então rei de Portugal, trouxe a corte para o Brasil (1808-1821).

O ensino dos jesuítas tinha como fim não apenas a transmissão de conhecimentos científicos, escolares, mas a propagação da fé cristã. A história da educação de jovens e adultos no Brasil no período colonial se deu de forma assistemática, nesta época não se constatou iniciativas governamentais significativas.

Os métodos jesuíticos permaneceram até o período pombalino com a expulsão dos jesuítas, neste período Pombal organizava as escolas de acordo com os interesses do Estado, com a chegada da família Real ao Brasil a educação perdeu o seu foco que já não era amplo.

Após a proclamação da Independência do Brasil foi outorgada a primeira constituição brasileira e no artigo 179 dela constava que a “instrução primária era

gratuita para todos os cidadãos”; mesmo a instrução sendo gratuita não favorecia as classes pobres, pois estes não tinham acesso à escola, ou seja, a escola era para todos, porém inacessível a quase todos, no decorrer dos séculos houve várias reformas, Soares (2002, p. 8) cita que:

No Brasil, o discurso em favor da Educação popular é antigo precedeu mesmo a proclamação da República. Já em 1882, Rui Barbosa, baseado em exaustivo diagnóstico da realidade brasileira da época, denunciava a vergonhosa precariedade do ensino para o povo no Brasil e apresentava propostas de multiplicação de escolas e de melhoria qualitativa de Ensino.

A constituição de 1934 não teve êxito, pois Getúlio Vargas o então presidente da república tornou-se um ditador através do golpe militar e criou um novo regime o qual chamou de “Estado Novo”, sendo assim cria-se uma nova constituição escrita por Francisco Campos. Ghiraldelli Jr. (2008, p. 78) cita que:

A constituição de 1937 fez o Estado abrir mão da responsabilidade para com a educação pública, uma vez que ela afirmava o Estado como quem desempenharia um papel subsidiário, e não central, em relação ao ensino. O ordenamento democrático alcançado em 1934, quando a lei determinou a educação como direito de todos e obrigação dos poderes públicos, foi substituído por um texto que desobrigou o Estado de manter e expandir o ensino público.

A constituição de 1937 foi criada com o objetivo de favorecer o Estado pois o mesmo tira a sua responsabilidade; uma população sem educação (educação para poucos) torna a sociedade mais suscetível a aceitar tudo o que lhe é imposto; logo se entende que esta constituição não tinha interesse que o conhecimento crítico se propagasse, mas buscava favorecer o ensino profissionalizante, naquele momento era melhor capacitar os jovens e adultos para o trabalho nas indústrias.

Um dos precursores em favor da alfabetização de jovens e adultos foi Paulo Freire que sempre lutou pelo fim da educação elitista, Freire tinha como objetivo uma educação democrática e libertadora, ele parte da realidade, da vivência dos educandos, segundo Aranha (1996, p. 209):

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um “fazedor de cultura” e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade. O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõem um saber, concluiu que conhecer é interferir na

realidade, de certa forma. Percebendo-se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é em uma última instância, ensinar o uso da palavra.

Na época do regime militar, surge um movimento de alfabetização de jovens e adultos, na tentativa de erradicar o analfabetismo, chamado MOBRAL, esse método tinha como foco o ato de ler e escrever, essa metodologia assemelha-se a de Paulo Freire com codificações, cartazes com famílias silábicas, quadros, fichas, porém, não utilizava o diálogo como a de Freire e não se preocupava com a formação crítica dos educandos.

A respeito do MOBRAL; Bello (1993) cita que:

O projeto MOBRAL permite compreender bem esta fase ditatorial por que passo o país. A proposta de educação era toda baseada aos interesses políticos vigentes na época. Por ter de repassar o sentimento de bom comportamento para o povo e justificar os atos da ditadura, esta instituição estendeu seus braços a uma boa parte das populações carentes, através de seus diversos Programas.

A história da Educação de jovens e adultos é muito recente, durante muitos anos as escolas noturnas eram a única forma de alfabetizá-los após um dia árduo de serviço, e muitas dessas escolas na verdade eram grupos informais, onde poucos que já dominavam o ato de ler e escrever o transferia a outros; no começo do século XX com o desenvolvimento industrial é possível perceber uma lenta valorização da EJA.

O processo de industrialização gerou a necessidade de se ter mão de obra especializada, nesta época criou-se escolas para capacitar os jovens e adultos, por causa das indústrias nos centros urbanos a população da zona rural migrou para o centros urbanos surgia a necessidade de alfabetizar os trabalhadores e isso contribuiu para a criação destas escolas para adultos e adolescentes.

A necessidade de aumentar a base eleitoral favoreceu o aumento das escolas de EJA, pois o voto era apenas para homens alfabetizados. Na década de 40 o governo lançou a primeira campanha de Educação de adultos, tal campanha propunha alfabetizar os analfabetos em três meses; dentre educadores, políticos e sociedade em geral, houve muitas críticas e também elogios a esta campanha, o que é nítido e que com esta campanha, a EJA passou a ter uma estrutura mínima de atendimento. Com o fim desta primeira campanha, Freire foi o responsável em

organizar e desenvolver um programa nacional de alfabetização de adultos, porém com o golpe militar o trabalho de Freire foi visto como ameaça ao regime; assim a EJA volta a ser controlado pelo governo que cria o MOBRAL conforme citado anteriormente.

O ensino supletivo foi implantado com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 5692/71. Nesta Lei um capítulo foi dedicado especificamente para o EJA. Em 1974 o MEC propôs a implantação dos CES (Centros de Estudos Supletivos), tais centros tinham influências tecnicistas devido à situação política do país naquele momento.

Em 1985, o MOBRAL findou-se dando lugar a Fundação EDUCAR que apoiava tecnicamente e financeiramente as iniciativas de alfabetização existentes, nos anos 80 difundiram-se várias pesquisas sobre a língua escrita que de certa forma refletiam na EJA, com a promulgação da constituição de 1988 o Estado amplia o seu dever com a educação de jovens e adultos.

De acordo com o artigo 208 da Constituição de 1988:

“O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria;”

Na década de 90 emergiram iniciativas em favor da Educação de jovens e adultos, o governo incumbiu os municípios a se engajarem nesta política, ocorreram parcerias entre ONG's, municípios, universidades, grupos informais, populares, Fóruns estaduais, nacionais e através dos Fóruns a partir de 1997 a história da EJA começa a ser registrada no intitulado “ Boletim da Ação Educativa”.

É notório que nesta fase da história da Educação brasileira, a EJA possui um foco amplo, para haver uma sociedade igualitária e uma educação eficaz é necessária que todas as áreas da Educação sejam focadas e valorizadas, não é possível desvencilhar uma da outra.

Dessa forma, as ideias Freirianas vem contribuindo para uma educação democrática e libertadora, comprometida com a realidade social, econômica e cultural dos mais pobres. Ressalto que muito já foi feito a esse respeito, mas ainda existe um longo caminho a ser percorrido. Tomando por base as palavras do educador Paulo Freire de sua esperança e de sua luta em prol de uma educação

como prática de liberdade e seu compromisso com os excluídos. Surge a necessidade de novas diretrizes do governo afim de sanar ou minimizar essa problemática.

CAPÍTULO II

2. A RETROSPECTIVA DA MINHA VIDA PESSOAL E ESCOLAR

Neste capítulo escrevo sobre minha origem, infância, meu brincar, meus estudos nos anos iniciais e revelo as dificuldades para concluir o Ensino Médio e o Magistério.

2.1 Minha Origem

Meu nome é REGINA DA CONCEIÇÃO QUARESMA PINHEIRO, tenho 41 anos, nasci no dia 06 de dezembro de 1976. Sou Paraense. Natural do Rio Tucumanduba, Ilha de Abaetetuba. Sou casada, mãe de uma filha que se chama Yasmin de Lourdes Quaresma Pinheiro.

Meu nascimento ocorreu na casa dos meus avós maternos, Maria Cunha da Cunha e João Francisco Corrêa Cunha, conhecido como “Vadião”. Vim ao mundo com a ajuda de uma parteira porque no momento do parto não havia embarcação que pudesse transportá-la até a sede do Município. Graças a esse acontecimento, sinto orgulho em dizer que sou verdadeiramente ribeirinha.

Sou filha de Martinho Corrêa Quaresma e Maria de Nazaré Cunha Quaresma, meu pai analfabeto e minha mãe semianalfabeta, ambos de um conhecimento de vida extraordinário. Ele pescador. Durante a safra de camarão ele ficava no Tucumanduba conosco, quando a pesca fechava ele viajava para o Rio Amazonas para pescar peixes, como os lugares eram longínquo demorava meses para voltar, minha mãe era lavradora vivia do plantio e da colheita de frutos como: açaí, cupuaçu, banana entre outros.

Nossa Vida era difícil, segundo relatos de minha mãe, meu pai saia todas as tardes para colocar *matapis*¹ no igarapé perto da casa dos meus avós paternos onde morávamos naquela época. Meus pais preparavam as *poquecas*² (iscas para

¹ Matapi é uma espécie de gaiola com formato cilíndrico. O “corpo” possui cerca de 40cm de comprimento por 25cm de diâmetro. O mesmo é tecido com tala de jupati, uma palmeira típica da Amazônia. Nas laterais da gaiola fica uma espécie de funil, que facilita a entrada do camarão, mas impede a saída dos animais maiores. Há também uma pequena janela onde é colocada a isca para pegar os camarões e por onde eles saem quando se faz a despesca.

² Poqueca é a isca colocada dentro do matapi para atrair os camarões trata-se de uma trouxinha feito com folhas de arumã, de cupuaçurana ou de qualquer outro que não se quebre no dobrar. Dentro é colocado alimento para atrair camarões. Amarra-se a trouxinha com fibra de miriti (buriti) e essa fica presa na tampa do matapi no lado de dentro, fechando a armadilha.

camarão) que é uma mistura de babaçu e farelo de arroz, embrulhavam em folha de arumã e faziam vários furinhos com um espetinho. A mistura era para capturar os camarões. Ao chegar da pesca ele despescava os matapis e saía para vender os camarões. Isso acontecia durante a safra.

De acordo com os depoimentos de minha mãe, meu pai voltava da venda, bêbado e a agredia verbalmente proferindo insultos e palavrões, esses episódios eram constantes e cada vez, piores, devido o gasto com a bebida, ele não conseguia manter as despesas da família. A situação familiar era insustentável, a convivência entre os dois, conflituosa, com tantos problemas meu pai nos abandonou, minha mãe ficou muito triste porque estava grávida novamente e não sabia como fazer para manter nossas despesas.

Após algum tempo começamos a passar muitas dificuldades e como estava próximo o nascimento do segundo bebê, então minha mãe resolveu que fôssemos morar com os meus avós maternos. Apesar das dificuldades financeiras deles fomos bem acolhidos pela nossa grande família.

Passado pouco mais de um ano, meus pais se reencontraram e voltaram a se relacionar, juntos decidiram construir uma pequena casa, esse casebre foi feito ao lado da residência dos meus avós maternos, lugar onde viveram por alguns anos. Mesmo morando ao lado da casa dos meus avós, as brigas entre o casal eram frequentes.

Devido o problema do alcoolismo, meu pai saía constantemente de casa, e após algum tempo voltava. E assim, essa novela se repetiu durante anos, tanto que meu pai se desobrigou de suas responsabilidades e deixou de viver algo extraordinário “a convivência entre pais e filhos”.

Apesar da boa vontade dos meus avós, a situação ficou insustentável e meus pais tiveram que se mudar para outro lugar. Eles foram morar longe, e eu fiquei morando com meus avós, devido ser uma criança muito doente meu avô não deixou que me levassem.

Enfim, depois de muitas idas e voltas meus pais estão separados a mais de vinte anos, e mesmo tendo um relacionamento conturbado tiveram doze (12) filhos.

Diante desse contexto, considero minha mãe uma heroína, mesmo com tantos desafios e muitas vezes passando necessidades, conseguiu criar onze (11) filhos, com a ajuda de Deus e dos meus avós maternos, que só pararam de prover

os gastos de nossa família quando nós, os filhos, crescemos e começamos a trabalhar para manter as despesas da família.

Cabe ressaltar, que nós, filhos deste casal, trabalhamos desde a infância para ajudar no sustento de nossa família, trabalhávamos para nos manter e manter nossos irmãos pequenos. A ausência da figura paterna fez falta em todos os aspectos, principalmente no aspecto afetivo.

2.2 Minha Infância, Meu Brincar.

Recordo-me que enquanto criança gostava muito de brincar e tomar banho no rio. Tive uma infância maravilhosa. Até os seis, anos morei com meus avós, e fui uma menina muito feliz, fiz tudo o que uma criança nessa idade podia fazer naquele tempo: brinquei de boneca, de faz de conta, pira alta, pega-pega, pira esconde, enfim, brinquei de tudo, boca de forno, morto-vivo e cantigas de roda. Naquela época, a situação financeira dos meus avós era difícil, mesmo assim eu tinha meus brinquedos, alguns comprados na loja, outros construídos por mim e por meus avós e tios, entre eles: panelas, pratos que eram feitos de barro (argila) fazíamos os formatos e colocávamos ao sol para secar. As colheres eram de pedaços de miriti, o mais interessante eram as minhas bonecas que vovô fazia de vassoura de açaí, eram enfeitadas, suas roupas costuradas à mão, e seus cabelos eram feitos de envira, ficando assim muito bonitas, parecendo “bonecas de verdade”. Meus brinquedos e brincadeiras foram inesquecíveis na minha infância.

Aos sete anos fui morar com minha tia para trabalhar como babá, haja vista que ela deu a luz a gêmeos e precisava de ajuda para cuidar das crianças.

A saída da casa dos meus avós para morar com meus tios, no início foi muito difícil. Entretanto, busquei consolo nos meus brinquedos, e cada um tinha um significado especial, mas com o passar do tempo, os meninos foram crescendo e destruindo quase todos meus brinquedos, restando-me apenas uma boneca, a qual era minha companheira de todos os momentos. Essa boneca foi inesquecível, pois minha tia a comprou com muito carinho. Sendo assim, é importante citar que:

As crianças utilizam o brinquedo para externar suas emoções, construindo um mundo e, dessa forma, questionam o universo dos adultos. No brincar, a criança constrói e recria um mundo onde o seu espaço esteja garantido. As expressões sofridas no cotidiano são compensadas por sua capacidade de imaginar (MELO e VALE, 2005, p. 45).

Concordo com as autoras sobre a importância do brincar, pois o brincar contribuiu para que eu fosse essa pessoa alegre e confiante. O afeto de meus familiares me ajudou a ser uma pessoa mais amigável e compreensiva. Como era a primeira neta, meus avós e tios tinham uma grande preocupação comigo, sempre demonstrando a atenção e o carinho que eu precisava.

Portanto, através do ato de brincar foi possível estabelecer conceitos, selecionar ideias, estabelecer relações, integrar percepções e concepções e isto foi significativo em minha vida. Nesse sentido foi constituindo minhas próprias realizações. Na minha infância, o brincar e o se relacionar uns com os outros para mim foi fundamental porque me fez uma pessoa mais afetuosa e sensível à realidade, isto é o legado que de fato aprendi como lição de meus avós.

2.3 Meus Primeiros Passos Rumo À Escola.

Minha trajetória estudantil começou aos 08 anos de idade. Estudei desde a 1ª série atrasada até a 3ª série na Escola Estadual de 1º Grau Raimundo José, localizada no Rio Tucumanduba, Ilhas de Abaetetuba. Nessa época, em nossa localidade, ainda não existia a educação infantil, como entrávamos na escola somente com o conhecimento do cotidiano, tornava-se necessário um ano para se alfabetizar. De acordo com o desenvolvimento na aprendizagem o aluno seria promovido 1ª série normal.

Lembro-me do meu primeiro dia de aula, vestia uma blusa branca, saia de pregas de cor azul escuro e sapatos pretos. Saí de casa nesse dia às 07h00min da manhã, de carona com meus coleguinhas, íamos de canoa remando até o barracão da Comunidade Nossa Senhora Lourdes, onde funcionava a referida escola, o mesmo era de madeira, e ficava próximo a casa dos meus tios com quem eu morava naquela época.

Estudei em uma classe multisseriada. As classes multisseriadas são uma forma de organização de ensino, na qual o professor trabalha na mesma sala de aula com várias séries do Ensino Fundamental, simultaneamente, tendo de atender a alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes.

Percebe-se que as classes multisseriadas ocorrem em regiões rurais, onde a escassez de professores, alunos ou recursos, inviabiliza a existência de escolas com

alunos distribuídos por classes conforme a idade e atendidos por um ou mais profissionais específicos.

Ainda hoje em nosso país, vivenciamos um sistema educacional fragilizado no que diz respeito à infraestrutura, formação de professores, e investimentos de modo geral. Nossas políticas educacionais têm dificuldades em atender todos os sujeitos que necessitam desse tipo de atendimento específico, tanto nas séries iniciais, quanto nas séries finais do Ensino Fundamental.

O tipo de ensino proporcionado pelas classes multisseriadas, tem sido, ao longo da história, considerado distante do ideal. Atualmente, é alvo de várias abordagens teóricas e práticas, que tentam levantar os problemas deste sistema que acarreta prejuízos tanto para o aluno quanto para o professor, visando encontrar alternativas que viabilizem melhorias neste formato de ensino.

Durante os primeiros três anos que estudei o Ensino Fundamental, lembro que apenas em uma sala de aula improvisada, no barracão da comunidade, a professora trabalhava com a 1ª série atrasada até a 4ª série, um único turno de aula pela manhã, era um ambiente tumultuado.

A professora delimitava os espaços na lousa, e com muita rapidez escrevia as atividades para os que davam conta de escrever, enquanto copiavam, a mesma escrevia a atividade nos cadernos dos quais não davam conta de copiar da lousa, enquanto os pequenos tentavam resolver seus trabalhos, ela explicava o assunto na lousa, em seguida ensinava a lição, os alunos que sabiam ler ajudavam a ensinar os que não sabiam, e próximo do final da aula havia muita confusão, pois todos tinham que dar a lição antes de sair.

Em fim, terminava a aula e alguns não conseguiam terminar suas atividades, outros não sabiam a lição, e a professora cansada e afônica tendo que ir remando no sol quente porque sua casa ficava distante da escola. Esta era a rotina da escola na qual estudei meus primeiros anos do Ensino Fundamental.

Em 1988, conclui a 3ª série do Ensino Fundamental. Mas ao final desse mesmo ano a única professora que atuava nessa localidade (Rio Tucumanduba), mudou-se e foi atuar em outro rio distante.

Nos anos de 1989 e 1990 fiquei sem estudar, porque não havia professor para atuar em minha localidade. Mesmo a escola funcionando no barracão da comunidade Nossa Senhora de Lourdes, considerou a importância da escola pública em minha vida. Foi na escola pública que aprendi a ler e escrever.

A mudança da professora para outra localidade deixou-me muito triste e comecei a sentir falta das aulas, dos meus colegas, das brincadeiras que aconteciam no recreio e da professora, que apesar das dificuldades como: a classe superlotada e multisseriada e o espaço físico inadequado, buscava sempre fazer o seu melhor. Ela foi minha primeira professora e os momentos que vivi durante esses três anos foram inesquecíveis para mim. Sou grata a ela por todos os ensinamentos compartilhados, pois os mesmos foram o alicerce para minha história educacional e me ajudaram a construir minha personalidade, e suas palavras de incentivo estão sempre presentes em minhas lembranças. Por isso tomando as palavras de Freire digo:

Nunca me esqueço, na história já longa de minha memória, de um desses gestos de professor que tive na adolescência remota. Gestos cuja significação mais profunda talvez tenha passado despercebido por ele, o professor, e que tive importante influência sobre mim. (Freire, 2001, p. 43)

Nesse sentido, minha primeira professora marcou significativamente minha vida. Ela me ensinou não somente a ler e escrever, mas me ensinou que nossos gestos e ações podem fazer a diferença na vida daquelas pessoas que passam por nossas vidas.

Em 1991, cursei a 4ª série, na Escola Municipal Dom Ângelo Frosi. Localizada no Rio Tucumanduba, Ilhas de Abaetetuba. A escola nesse período ainda não tinha prédio próprio e também funcionava no barracão da Comunidade de Nossa Senhora de Lourdes.

Recordo que nos primeiros dias de aula fiquei com medo pois eu era tímida e não estava acostumada com o professor. Os dias foram passando e aos poucos foi me adaptando as metodologias de ensino do mesmo. Sempre tive dificuldade na disciplina Matemática, mas com ajuda do professor consegui aprender os conteúdos desse período.

Segundo Freire (1987) a alegria não chega apenas no achado, mas faz parte do processo de busca. Fiquei muito feliz ao terminar o Ensino Fundamental Menor (antiga 4ª série), pois tinha o sonho de entrar no Ensino Médio e depois cursar o Magistério e ser professora.

Minha trajetória estudantil foi muito difícil, tive que conciliar o estudo e trabalho, morei um tempo com meus avós, depois fui morar com meus tios para trabalhar como babá, aos sete anos comecei a cuidar dos meus primos, pela manhã estudava e a tarde desenvolvia a função de babá. Assim que minha tia teve outros filhos, meu tio construiu uma olaria para melhorar a renda da família, como precisava de trabalhadores minha tia mandou que fosse para ajudar, e aos nove anos comecei a trabalhar na olaria (lugar onde se fabricam tijolos que são utilizados na construção de alvenaria). Essa atividade era pesada e cansativa para uma criança da minha idade, apesar das dificuldades consegui conciliar o trabalho e o estudo.

Antigamente na localidade em que morava, Rio Tucumanduba Ilhas de Abaetetuba era comum as crianças trabalharem para ajudar nas despesas da família principalmente as meninas, como era o meu caso, iam trabalhar em casas de famílias como babás para ajudar nas atividades domésticas, muitas vezes só para receber roupas e materiais escolares. E isso na visão dos nossos pais, não era errado, era uma forma das pessoas ajudarem na formação de seus filhos, tornando-se algo normal. Aprendíamos a lavar, passar, fazer comida e outras atividades.

Dentre as dificuldades enfrentadas durante minha trajetória escolar, cito como exemplo, um acidente que aconteceu comigo aos 15 anos de idade, quando eu trabalhava na olaria. Em decorrência desse acidente perdi sangue devido as cortes na coxa esquerda, tenho as cicatrizes na coxa, do lado em que bati a cabeça sinto fortes dores no ouvido. Talvez o acidente tenha sido provocado pelo cansaço e calor excessivo. Isto era trabalho infantil.

O trabalho infantil fez parte da minha história, este assunto aqui abordado, foi alvo de várias discursões, alguns órgãos se mobilizaram para aprovar uma lei que viesse a proteger a criança e o adolescente, visando garantir seus direitos.

Em 13 de julho de 1990 foi aprovado pelo Congresso Nacional o Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA (Lei nº 8.069). Nesse estatuto no Artigo 60 é garantida a criança e ao adolescente:

Art. 60- É proibido trabalho noturno, perigoso e insalubre a Menores de 18 (dezoito) anos, e de qualquer trabalho a menores de 16 (dezesesseis) anos, salvo a condição de aprendiz a partir de 14 (quatorze) anos, (art. 7º, XXXIII, CF/ 88).

Esta Lei é importante, pois as crianças e os adolescentes devem aproveitar essa fase da vida para estudar, haja vista que terão a fase adulta para trabalhar. No meu caso não pude usufruir desses direitos, mas espero que os direitos da criança e adolescente sejam conhecidos e respeitados.

Entretanto, mesmo com tantas dificuldades, trabalhei durante nove (09) anos na olaria para ajudar minha mãe, meus irmãos, e para comprar minhas roupas, calçados e materiais escolares, entre outros, pois antigamente era comum as famílias terem muitos filhos, o que era o caso da minha, sendo que, minha mãe todo ano tinha um filho, daí a necessidade de trabalharmos para ajudar, não era fácil manter uma família com onze (11) filhos, principalmente sem um pai para ajudar.

Em 1994, aos dezoito (18) anos de idade, fui aprovada no concurso público municipal de Abaetetuba, aprovação esta que a mim conferia o direito de atuar como professora efetiva nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Ao ser chamada para assumir a vaga, tive que assinar desistência, devido não possuir o certificado de conclusão do 1º grau, que em dias atuais refere-se ao certificado de conclusão do Ensino Fundamental, ou seja, documentação de conclusão do nono ano, que confere segunda etapa da Educação Básica.

Nesse mesmo ano que passei no concurso, ingressei na Unidade de Estudos Supletivos (UES) que funcionava na Escola Estadual Professora Maria Oscarina Pereira, para cursar o Supletivo 5º a 8º série do antigo 1º grau, atualmente conhecido como nono ano do Ensino Fundamental. A matrícula naquele tempo era feita por disciplinas e a verificação de aprendizagem. Para a aprovação, exigia-se nota mínima 8,0 (oito).

O curso foi autorizado pela Resolução nº 116 de 11 de novembro de 1989, pelo Conselho Estadual de Educação. Depois de algum tempo a Resolução 116 foi alterada para 166. A Unidade de Estudos Supletivos funcionava em parceria com o Centro de Estudos Supletivos (CES) Professor Luiz Otávio Pereira, nome do estabelecimento que expedia a documentação de conclusão do curso.

Entretanto, a distância entre as ilhas e cidade e as dificuldades financeiras, impediram-me de concluir o curso através dos módulos. As professoras da instituição e as minhas amigas que residiam em Abaetetuba, sabendo das minhas dificuldades e cientes do meu esforço, inscreveram-me no exame de massa (DESU), no qual realizei as provas de Língua Portuguesa e Matemática e consegui ser aprovada.

Em outubro de 1997, recebi o meu certificado de conclusão do 1º grau. No entanto, a falta desse documento, que hoje parece simples, impossibilitou-me de estar atuando como professora em sala de aula, que sempre foi meu sonho, bem como tardou o meu processo de formação.

Aos 22 anos me casei, desse matrimônio nasceram meus quatro filhos, três nasceram de parto prematuro e não sobreviveram, segundo os laudos médicos, os bebês morreram de insuficiência respiratória, sendo causada por uma doença chamada de polidrameo (líquido amniótico acima do normal durante a gravidez). Depois das perdas, deu-se início ao tratamento para descobrir o problema, seis anos depois, enfrentei a quarta gravidez.

Devido ser uma gravidez de risco, passei os dois últimos meses em Belém, no apartamento de uma amiga da família de meu esposo, a qual sou muito grata por ter me acolhido em sua residência, em um dos momentos mais difíceis e ao mesmo tempo o mais importante da minha vida.

No dia 20 de dezembro de 2004, em Belém do Pará, na maternidade Santa Bárbara, de parto cesariano, nasceu minha filha Yasmin de Lourdes. Atualmente, minha princesa tem 13 anos, tem alguns problemas de saúde, mas nada grave. Fiquei muito feliz com o nascimento de minha filha, sou eternamente grata a Deus por tê-la em minha vida.

Enfim, o final feliz dessa história só foi possível, graças a Deus e a ajuda de familiares e amigos, que nos ajudaram a vencer as dificuldades e os desafios vivenciados nessa fase de nossa vida.

2.4 Ensino Médio e Magistério: História de Luta, Persistência e Vitória.

Neste tópico relatarei as dificuldades e os desafios para concluir o ensino médio e o magistério.

Minha trajetória no ensino médio deu-se início em 2010, e foi concluída em 2011, através da Educação de Jovens e Adultos (EJA), 1º E 2º etapas, na modalidade de Educação a Distância. Essa modalidade de ensino foi ofertada pela Escola Dionísio Haje, em parceria com o Centro Educacional Pan Americano (CEPA). As gestoras da referida escola aderiram a essa proposta, devido a grande quantidade de jovens e adultos que desejavam concluir o ensino médio. A escola está localizada no Rio Quianduba e desde essa época a mesma já estava adequada para atender essa clientela.

Ao retomar os estudos enfrentei inúmeras dificuldades, estava muitos anos sem estudar, por isso tive problemas de adaptação, minha filha era criança, não sabia nadar e eu não tinha alguém de confiança para ficar com ela enquanto eu estudava. Essa modalidade de ensino era particular e a escola ficava longe de casa. O transporte utilizado para chegar a essa instituição de ensino acima citada, era um rabudo de procedência particular, pilotado por meu irmão. Para chegar até a escola, tinha duas rotas uma pelo Tucumanduba e a outra pelo furo do Quianduba, sendo que neste furo tem uma parte que é chamada de seco, porque tem muita areia. Algumas vezes tivemos que puxar o rabudo até passar o seco, optávamos pelo furo porque era um atalho.

Depois de algum tempo, meu irmão não pode me levar, porque estava prejudicando seu trabalho. Dias depois, soube que um colega queria desistir por falta de transporte, como a casa dele ficava próxima a minha, pedi que ele viesse remando, e de casa seguiríamos de rabudo (que é uma embarcação pequena com um motor a gasolina acoplado na popa).

Nessa época (ano de 2010) os conceitos e valores eram diferentes, as pessoas da minha localidade (Rio Tucumanduba) tinham como conceito que mulher depois de casada deveria cuidar somente da casa, dos filhos e marido, ou seja, não poderia estudar.

Durante essa última etapa, da Educação Básica, escutei muitos comentários maldosos a meu respeito, como os que mulher casada quando começa estudar é só para colocar chifre no marido, ou seja, fazê-lo de corno.

Ressalto que esse tipo de conceito não contribuía para uma sociedade emancipada. A educação é direito garantida por lei aos cidadãos brasileiros. Nesse sentido a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205 diz que:

Art.205 - A educação, é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Constituição Federal de 1988.

Apesar da Constituição de 88, ser a lei máxima do Brasil, e nela estar pautada os direitos dos brasileiros, muitos ribeirinhos tem dificuldades, no que diz respeito ao processo educacional.

Desse modo a conquista da última etapa da Educação Básica (ensino médio) aos 34 anos, só foi possível pelo meu esforço e dedicação, bem como pelo incentivo de meus familiares, professores e amigos.

Nesse contexto, tenho a considerar que cursar o ensino médio particular foi uma necessidade. Na época, não havia essa modalidade de ensino na localidade em que eu morava. Reconheço a importância do ensino público, por isso valorizo e me preocupo com a legislação brasileira, que apesar de algumas falhas, a mesma ainda assegura que os filhos dos trabalhadores tenham acesso à educação gratuita e de qualidade, como afirma a Constituição Federal de 1988.

Confesso que essa conquista foi muito difícil, várias vezes pensei em desistir, mas minha força de vontade aumentava na medida em que meu sonho de cursar magistério ficava mais forte a cada dia.

No ano de 2011, iniciei o curso de Formação de Professores com ênfase em Educação Infantil e Educação Inclusiva (magistério) em uma instituição de ensino particular, denominada Centro de Desenvolvimento de Competência (CDC), localizado na cidade de Abaetetuba. A conclusão do magistério ocorreu em dezembro de 2012. Não tenho informações se a instituição está funcionando atualmente, porém posso afirmar que os profissionais que lá atuavam eram competentes, responsáveis e comprometidos com uma educação de qualidade.

As aulas presenciais para realização de avaliações e a entrega de trabalhos eram marcadas uma ou duas vezes por semana, de acordo com as possibilidades dos educandos. A instituição de ensino acima citada, ofertava o curso de formação de professores em nível médio, na modalidade de Educação a Distância, com carga horária de 1.308 horas/aula.

Ao iniciar o curso de magistério, tinha presente em mim o desejo de pela profissão, tanto que mesmo sem o magistério já havia trabalhado três anos como professora. Ciente dos muitos obstáculos que teria que enfrentar, mesmo assim decidi seguir em frente. Para concretizar esse sonho, reuni um grupo de amigos e contratamos o esposo de uma de nossas colegas, para pilotar o barco. Os problemas eram muitos, tínhamos que conseguir pessoas que ficassem com os nossos filhos o dia todo até a nossa chegada. O nosso grupo era composto por cinco mulheres e um homem, todos casados.

Saíamos das nossas casas às 04h00min da manhã, chegávamos em Abaetetuba às 07h00min, íamos direto para instituição, saíamos da instituição às 14:00h, direto para o cais de Abaetetuba, chegando no barco guardávamos nossos materiais de estudo, quando tínhamos dinheiro comprávamos os lanches e seguíamos viagem, rumo as nossos casas localizadas no rio Tucumanduba. Certo dia fomos surpreendidos na baía por uma tempestade com chuva forte e raios intensos, o barco era pequeno e não tinha tolda (coberta). Em determinado momento, pensei que fôssemos naufragar devido a grande quantidade de chuva e da maresia, pois havia muita água dentro da embarcação, o vento forte pressionava as ondas que iam para dentro do barco, graças a Deus conseguimos chegar vivos em nossas casas.

Dias depois, encontrei com a minha primeira professora, que me disse: “soube do perigo que vocês passaram para atravessar a baía, tenham mais cuidado, mas não desistam do sonho de vocês, não existe vitória sem luta”.

Recordo-me que esse incidente, não afetou nossa equipe. Na semana seguinte, retornamos ao CDC, para a realização da avaliação, que era realizada de quinze em quinze dias. Os professores eram rígidos, mas a educação era vista com muito compromisso. No decorrer do curso, aprendi a ter mais liberdade para expor meus conhecimentos ou angústias quando não conseguia aprender os conteúdos.

Ressalto que durante o curso, éramos instigados a criar novos métodos de apresentação para os nossos trabalhos, ou seja, tínhamos que ser ousados, pois éramos desafiados a cada encontro a aprimorar nossos conhecimentos. Nesse sentido, buscávamos nos superar em cada aula. Segundo Piaget:

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que as outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar metas que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a eles se propõe. (PIAGET, 2012. p. 38)

Dessa forma é um desafio tanto para o formador quanto para o formando do magistério, que transitam em um campo permeado de conflitos, com muitas dúvidas e questionamentos, onde educandos e educadores compartilham diversos saberes,

e, nessa troca de experiências, nesse processo de busca, se constituem os educadores criativos, críticos e atuantes na sociedade.

Em junho de 2011, iniciei os estágios referentes ao curso de Formação de Professores com Ênfase em Educação Infantil e Educação Inclusiva (magistério). A escola escolhida para o desenvolvimento dos estágios foi a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dom Ângelo Frosi, localizada no Rio Tucumanduba, Ilhas de Abaetetuba. A opção pela escola foi pela carência de professores que existia naquela época e também pelo multisseriado, realidade constante naquele tempo.

Os estágios eram divididos em duas etapas: observação e regência de classe. Quando iniciei o estágio de regência não tive dificuldades, talvez por já ter atuado antes como professora. Durante todas as etapas do estágio, tinha que fazer relatórios diariamente para entregar para a professora da disciplina Prática de Ensino. Ela era muito competente e compreensiva.

Recordo-me que os estágios ocorreram nas turmas da Educação Infantil períodos I e II, no Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano e nas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Ressalto a relevância do estágio e as experiências vivenciadas em todas as turmas, em especial a da EJA, onde foi possível aprender um pouco mais sobre como trabalhar a inclusão, sendo que nessa turma tinham três alunos com deficiência.

O curso do Magistério, também me oportunizou estagiar em outras instituições renomadas como: o Centro Educacional de Apoio Especializado casa Bem-te-vi (APAÉ), Associação Beneficente de Educação e Neurofuncional Milton Melo e Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC).

Nesse sentido, o estágio na prática de ensino é um momento importante na preparação dos alunos que em um futuro próximo serão professores, e, por sua vez terão que estar capacitados para mobilizar a mudança e desenvolvimento de uma sociedade. Tomando emprestadas as palavras de Freire (2011, p.74): afirmo que “meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar”. Nesse contexto, o que para o cidadão comum pode ser opcional, para o professor é um compromisso.

Dessa forma, ser professor é estar convicto de que para ocorrer transformações significativas no processo educacional, nós os professores, temos que trabalhar a mudança, isto é, procurar através de nossas atividades, promover momentos de reflexão com os alunos a respeito de como os conhecimentos construídos em sala de aula pode ter efeitos satisfatórios para além do âmbito escolar, ou seja, esses conhecimentos refletem positivamente no meio social que os cerca.

A experiência dos estágios, me motivaram a procurar e elaborar atividades para auxiliar os alunos e promover uma aula participativa e significativa. Além disso, meu olhar para a escola, para os alunos, para os professores e para a aprendizagem modificou-se: passei entender que para suscitar no aluno a necessidade de mudança, é preciso leva-lo a refletir criticamente sobre o meio social em que se vive, sobre o mundo que o cerca, e acima de tudo, refletir sobre suas ações no contexto qual o mesmo está inserido.

Desse modo, os estágios contribuíram de forma significativa para minha prática docente.

CAPÍTULO III

3. A EXPERIÊNCIA COMO DOCENTE: A difícil luta do funcionário temporário para se manter no serviço público.

Neste capítulo, relatarei alguns acontecimentos referentes aos momentos que marcaram minha trajetória docente no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Momentos que me levaram a ir em busca de novos conhecimentos e novas metas.

3.1 Experiências no Ensino Fundamental

Em 26 de abril de 1997, fui contratada como professora pela Prefeitura Municipal de Abaetetuba para trabalhar na localidade onde eu morava (Rio Tucumanduba), Ilhas de Abaetetuba a classe no qual atuei era composta por 35 alunos em uma turma multisseriada. Iniciei o trabalho docente aos 20 anos de idade com apenas a 4ª série do antigo 1º grau. Isto aconteceu devido a carência de professores que havia em minha localidade. Aceitei a proposta com muita alegria, pois, parecia ser o início da realização do meu sonho. Iniciei as aulas com a referida turma na residência do meu tio o senhor José Bailão, o qual chamo carinhosamente de pai, pelo respeito e pela consideração.

Recordo-me que enfrentei muitas dificuldades no início da docência, entre elas: a falta de carteiras, a falta de merenda, a falta de um espaço físico adequado para desenvolver as atividades, entre outras. Mesmo com tantos obstáculos, decidi seguir em frente. Durante duas semanas, os alunos tiveram que sentar no chão para assistir as aulas.

Entretanto, eu já havia enviado um ofício para a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), solicitando materiais básicos necessários para dar prosseguimento às aulas. Observando a demora no envio dos materiais, e o desconforto dos alunos sem ter onde sentar decidi pegar batelão do meu pai, e saímos nas escolas dos rios vizinhos ao nosso, pedindo carteiras que não estavam sendo usadas.

Nesse dia, passamos em três escolas, conseguimos 40 carteiras usadas, que foram reformadas pelo meu pai e por outros pais que resolveram ajudar. Essa ação minimizou a situação, até a chegada das carteiras novas enviadas pela

SEMEC. Após dois anos de atuação como professora, me casei, um ano depois tive vários problemas de saúde, advindos de uma gravidez de risco que ocasionou a perda do meu primeiro filho. Devido a esses problemas de saúde, fui obrigada a cancelar meu contrato de trabalho, para me dedicar somente ao tratamento, que durou 07 anos, até o nascimento de minha filha Yasmin.

Confesso que foi muito difícil, pois quando iniciei o trabalho docente tinha apenas o 1º grau e nunca tinha trabalhado como professora, além de que a turma era multisseriada com alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, na faixa etária de 07 a 14 anos de idade, e, para completar, a maioria dos alunos nunca tinha estudado e não tinha certidão de nascimento. Tal situação motivou-me a ir em busca de ajuda junto a pessoas mais influentes que se sensibilizaram e ajudaram a solucionar esse problema.

Portanto a jornada de sala de aula era pesada, apesar de trabalhar apenas um turno, todos os dias, ficava horas pesquisando em livros, jornais e revistas. Muitas vezes tive que pesquisar a noite, a luz da lamparina, haja vista que, nas ilhas naquele tempo não havia energia elétrica, o que dificultava um pouco o planejamento das aulas, a correção das provas e dos trabalhos, bem como as atividades que eram escritas nos cadernos para os alunos que não conseguiam copiar as atividades da lousa. Partes dessas atividades eram realizadas a noite, porque pela manhã eu tinha que fazer a merenda, pois não tinha servente.

Nesse sentido considero que a pesquisa é de suma importância para que o educador desenvolva um bom trabalho, através da pesquisa, o educador busca inovar suas práticas de ensino adquirindo conhecimentos para compartilhar com seus alunos, tornando a aprendizagem mais significativa e as aulas mais prazerosas. O educador Paulo Freire nos fala que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervendo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar e anunciar a novidade. (FREIRE, 2001. P. 30).

Cabe ressaltar que a pesquisa, é um suporte no qual o educador busca resposta para as suas inúmeras indagações que surgem no decorrer do processo

educacional. Dessa forma, pode-se dizer que nunca foi tão difícil ser professor como nos dias de hoje. O momento social, econômico, político e histórico em que vivemos está exigindo um novo perfil de profissional, de cidadão: informado, bem qualificado, crítico, criativo, autônomo, pesquisador e com capacidade de resolver problemas. Com isso exige-se um profissional competente e qualificado em todas as etapas de ensino.

Conforme essa análise, a condição de pesquisador atribuí ao professor mais do que a possibilidade, ele tem a necessidade de verificar o nível de compreensão dos alunos, porque esse fato contribui para a organização de estratégias direcionadas de acordo com as situações reais de sala de aula ou de cada aluno.

Entretanto, os recursos que tínhamos eram o quadro negro, giz, cartilhas para as leituras, livros do aluno, jornais e revistas. Constantemente, os alunos copiavam as atividades da lousa. Para fugir da rotina, usávamos jogos educativos tanto na disciplina de Língua Portuguesa quanto em Matemática.

Desse modo, a turma em que atuei teve grande desenvolvimento, a maioria dos alunos aprendeu a ler e a escrever, apesar do pouco tempo que passamos juntos, tenho a considerar que foi uma experiência inesquecível, além da aprendizagem que construímos juntos, também criamos laços de amizade.

3.2 As Memória e Vivências na Educação de Jovens e Adultos

Em março de 2012, fui contratada novamente pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), para atuar como professora na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dom Ângelo Frosi, localizada nas ilhas de Abaetetuba. Recebi o memorando das mãos da senhora Josiane Barreto, coordenadora do Departamento de Recursos Humanos (DRH) encaminhando-me para a referida escola. No dia seguinte, fui até a escola e entreguei o memorando para o diretor, o qual me entregou uma cópia da ficha de matrícula e disse-me que iria atuar na turma da Educação de Jovens e Adultos, 1º etapa, composta por 30 alunos.

Ao iniciar meu trabalho docente na escola acima citada, fui até à casa dos alunos me apresentar e avisar a eles que as aulas iriam iniciar, os mesmos me receberam com muita alegria. As aulas nessa turma aconteciam à noite das 18h00min às 21h00min. Apesar de a escola ter uma boa localização, alguns alunos tinham dificuldades para chegar até a instituição de ensino por falta de transporte.

No momento que iniciei as aulas nessa turma, fiquei um pouco constrangida apesar de já ter estagiado em uma turma de jovens e adultos, a situação era diferente, era eu professora titular da classe e não como estagiária. Me senti insegura, além do mais com pessoas adultas, pessoas mais velhas do que eu, com mais experiências do que eu. Eu tinha 34 anos de idade quando atuei nessa turma, que tinham pessoas de 40, 50, 60 anos, assim como jovens de de 17 a 25 anos. Uma turma diversificada em idade e vivências.

Quando falo em experiência, refiro-me aos saberes do cotidiano, as experiências de vida, como diz Paulo Freire (2002, p. 11) que: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra...” daí que a posterior leitura daquele. A linguagem e a realidade se prendem dinamicamente, pois o processo de alfabetização proposto por Freire partia do princípio de que todo sujeito, alfabetizado ou não, trazia consigo saberes, valores e habilidades nascidas das diferentes relações travadas por esta pessoa durante sua vida.

No primeiro dia de aula, iniciei com uma dinâmica. Coloquei em uma caixa de sapatos um espelho. Embrulhei a caixa e deixei apenas um buraco que não dava para enxergar o que havia dentro da caixa, então passei de mão em mão, pedi a que tentassem adivinhar o que havia dentro da caixa. Todos ficaram curiosos. Ao encerrar a dinâmica, abri a caixa, chamei os alunos um a um e pedi que observassem o que havia dentro, depois perguntei: o que viram? Eles responderam: “um espelho”. Bom, muito bem. Quando você olha no espelho, o que você vê? Uma das alunas, brincalhona respondeu: “quando eu olho no espelho eu vejo a minha cara”. Eu respondi é isso mesmo. Ao olhar no espelho vemos nossa face, onde está localizado o nosso rosto, se o espelho for grande é possível ver a imagem do corpo todo refletida sobre ele. E essa imagem quanto melhor cuidada, melhor ficará nossa aparência, assim o espelho pode refletir uma imagem boa ou ruim, depende de nós, assim também serão nossos exemplos para nossa família, para a sociedade, principalmente para nossos filhos, saibam que nossos filhos seguem mais nossos exemplos do que nossas palavras. Para eles, somos como um espelho, para quem eles olham todos os dias.

Portanto, se nos dedicarmos nos estudos, no trabalho, e em tudo o que fizermos, estaremos dando bons exemplos para os outros que estão ao nosso redor, principalmente para nossos filhos.

A escola na qual eu atuava Dom Ângelo Frosi, situada no Rio Tucumanduba, não tinha recursos como: televisão, DVD, data show, computadores para pesquisa, mas tinham outros recursos como: EVA, papel cartão, cartolina, isopor, papel a quatro, entre outros. Esses materiais eram utilizados de acordo com a nossa criatividade e ajudavam a dinamizar mais as aulas. Utilizávamos a música como recursos nas aulas, trazíamos de casa nossos aparelhos eletrônicos. Com os recursos que tínhamos também construíamos cartazes e cartelas. As cartelas eram utilizadas para trabalhar o alfabeto, as famílias silábicas, entre outros. Essas estratégias eram utilizadas para ajudar a desenvolver a aprendizagem dos alunos, tornando o espaço escolar mais agradável. Cito aqui um poema à escola:

Escola é o lugar onde se faz amigos, não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos. Escola é, sobretudo gente, gente que trabalha, que se alegra, se conhece, se estima. O diretor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente. E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. Nada de ilha cercada de gente por todos os lados. Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém, nada de ser com tijolo que forma a parede indiferente, frio, só. Importante que, na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se amarrar nela. Ora é lógico... Nessa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz. (Paulo Freire, 1999).

Não há como ignorar a importância da escola e das relações sociais vividas no espaço escolar. Toda via, a escola é um espaço de convivências, capaz de nos conscientizar, que aprendemos através da interação uns com os outros.

Nesse sentido, é importante que a escola e todo seu quadro funcional estejam preparados para atender principalmente aos educandos da EJA, sendo que este público possui características marcantes.

Os jovens e adultos são pessoas que já possuem uma experiência de vida, constituídas de suas vivências em uma determinada realidade, em vários círculos sociais, familiares e profissionais.

Portanto, são sujeitos que ao adentrarem no ambiente escolar trazem consigo saberes, valores e habilidades estabelecidas, toda essa bagagem cultural deve ser valorizada e respeitada, cabe ao educador conhecer o educando, para que seja capaz de promover a mediação entre os saberes da experiência e os saberes do conhecimento, buscando valorizar e respeitar a diversidade cultural dos educandos.

Entretanto, os jovens e adultos chegam à escola, cansados, depois de um duro dia de trabalho, alguns não tem nem transportes a instituição de ensino.

Cabe ressaltar, que a falta de incentivo da família, o ciúme por parte de seus pares, as aulas monótonas ministradas em alguns cursos da EJA, as precárias condições das escolas, a falta de segurança, a falta de merenda, a falta de um trabalho coletivo em algumas instituições, bem como as precárias condições econômicas das famílias torna mais desafiador o processo educacional dos educandos da EJA.

Desse modo, por esses e outros motivos os educandos da EJA, tem dificuldade em avançar nos estudos, poucos conseguem concluir o ensino médio, alguns não conseguem terminar nem o fundamental, outros mal conseguem assinar seus nomes e abandonam o curso.

Durante os anos 2012 a 2014 em que atuei na Educação de Jovens e Adultos (EJA), na Escola Dom Ângelo Frosi, localizada no Rio Tucumanduba, Ilhas de Abaetetuba, localidade em que morei por muitos anos, observei que os jovens mesmo sendo solteiros precisavam trabalhar para ajudar seus pais, devido serem de famílias pobres.

Os educandos da EJA tinham dificuldades em conciliar o estudo e o trabalho. Nesse Sentido, com objetivo de melhorar essa situação, pedi ajuda da diretora da referida escola. Como na escola não havia coordenação pedagógica nem secretário escolar, buscamos parceria com as famílias da localidade. Enquanto professora, busquei ouvir mais os educandos, suas dúvidas e expectativas em relação à escola. Como diz Paulo Freire (2001), não posso ser professor se não percebo cada vez melhor minha prática. A esse respeito Freire nos diz que:

Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. A prática docente crítica envolve o movimento dinâmico, e dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O pensar certo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão sobre a prática (práxis). É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. (FREIRE, 2001, p.17,18).

Diante desse contexto, ser professor hoje não é mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se desloca e fica ultrapassada, diante de um mundo em constante

mudança, seu papel vem se transformando. É essencial a tarefa do educador no seu ofício de ensinar, é preparar constantemente sua formação com consciência e sensibilidade humana, para compartilhar esses saberes aos educandos.

Após esse processo replanejei minhas aulas tornando-as mais criativas, prazerosas e significativas para os educandos.

Durante os 03 anos que atuei na educação de jovens e adultos, enfrentei muitos desafios para que os educandos não abandonassem o curso. No último ano em que trabalhei, tive que dar aula dois dias na semana para alguns alunos idosos que não podiam ir até a escola por problemas de saúde. Quase todos os dias eu tinha que ir buscar e deixar alguns alunos em suas casas, que os maridos não deixavam ir pra aula à noite por ciúme.

Além das atividades e dos materiais confeccionados em sala de aula eu comprava outros materiais escolares como cartilhas, cadernos de caligrafia entre outros. A ideia sempre foi ajudar a desenvolver a aprendizagem dos educandos. Quando a servente da tarde não deixava a merenda pronta eu tinha que fazer, deixava os alunos fazendo as atividades enquanto preparava o lanche, pois os alunos da EJA não tinham servente.

Aprender a ler e escrever sem dúvida é um dos maiores desejos de um jovem ou adulto quando se matricula no curso da EJA. A magia da descoberta através das palavras a sonoridade da exposição oral de um texto, tudo isso é fascinante e encanta aquele(a) que até então não conseguia realizar essa tarefa.

Foi relevante trabalhar na Educação de jovens e adultos, durante o pouco tempo que atuei como educadora, procurei conquistar a confiança e o respeito dos educandos, ganhando abertura, para abordar em sala de aula temas polêmicos como: política, violência contra a mulher, o uso de drogas, o trabalho infantil, entre outros.

A troca de experiências foi gratificante para o aprendizado deles e meu, pois aprendemos que somando os saberes da experiência aos saberes do conhecimento produzimos a aprendizagem significativa possibilitando a produção de novos saberes que devem ir além dos muros da escola.

Segundo Freire 19987, “Ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa, por isso aprendemos sempre”, precisamos aprender a cada dia para atualizar nossa prática pessoal e profissional.

É notório que a EJA nunca foi prioridade na Educação brasileira ficando sempre com as sobras do Ensino Fundamental e Médio. Mas não basta somente ofertar vagas, é necessário oportunizar outros meios que garantam a qualidade de ensino, como formação continuada e específica para os docentes, materiais didáticos e recursos técnicos, que enriqueçam o processo de ensino-aprendizagem.

Ressalto que a educação é um dos fatores primordiais para implementar a possibilidade de sanar os problemas educacionais da sociedade atual, garantindo um processo contínuo de aprendizagem para toda a vida.

Desse modo, independentemente da idade, a educação é um direito social e humano. Não basta somente discutir a problemática da aprendizagem do jovem ou adulto é necessário lutar pela efetivação desses direitos. Negar aos jovens e adultos esse direito é negar uma nova oportunidade ao direito à educação.

CAPÍTULO IV

4. TRAJETÓRIA ACADÊMICA: Novos Saberes para Minha Prática Docente.

Relatar minhas memórias neste 4º capítulo será de grande relevância, já que me permitirá fazer uma análise reflexiva sobre minha atuação e prática educacional quanto docente, o qual enfatizará as mudanças que ocorreram através do aprendizado adquirido após o ingresso na universidade, ressaltando a importância do curso de pedagogia.

No ano de 2014, fui selecionada para cursar Licenciatura Plena em Pedagogia na UFPA, Campus de Abaetetuba, através do Plano de Ações Articuladas Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR). Antes de ser selecionada, enfrentei alguns obstáculos referentes ao processo de admissão no curso. Soube por uma amiga que chegou de Abaetetuba e foi até minha casa me avisar que o edital já havia sido divulgado e meu processo estava indeferido. Nessa época nas ilhas não tínhamos acesso à internet, e tive que viajar até Abaetetuba, fui até o campus em busca de informações. O secretário do PARFOR, explicou-me que havia um erro na declaração de vínculo com a prefeitura, nesse mesmo dia procurei a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), para retificar a mesma. Após solucionar esse problema, levei no ciber. para scanear e enviar para o site da Universidade Federal do Pará (UFPA) Campus Universitário de Belém.

Dias depois de ter enviado a mesma, não obtive resposta. Sabendo que estava encerrando o prazo para regularização dos inscritos, organizei toda a minha documentação e viajei até a UFPA (Belém) em busca de solucionar esse problema. Chegando lá, a pessoa que me atendeu, deu-me um papel e disse-me que o mesmo deveria ser entregue na Secretaria do PARFOR do Campus de Abaetetuba.

Quando chegamos a Abaetetuba, não tínhamos viagem para voltar para nossa localidade, então pegamos um barco que ia para o Rio Maracapucu, de lá pegamos outro barco e viajamos até o Rio Furo Grande. Ao chegarmos ao Rio Furo grande já era noite e chovia muito, paramos na casa de um amigo, eu mal conseguia respirar de tanto frio que estava, mas precisávamos chegar em casa, pois sabíamos que minha filha e minha sogra já estavam preocupadas. Nesse momento chegou um rabudo, era o meu primo, pedimos carona e ele disse “apesar de ficar um pouco longe, se vocês aguentarem a chuva eu levo vocês”. Chegamos em casa nesse dia

às 22horas, a missão estava cumprida. Dois dias depois retornei ao Campus de Abaetetuba e fui informada que minha situação havia sido regularizada, voltei pra casa muito feliz, valeu apenas o sacrifício.

Iniciei o curso de Pedagogia na UFPA em julho de 2014, apesar do imenso desejo de fazer uma graduação em Pedagogia para aprimorar meus conhecimentos teóricos e práticos, tive medo de não conseguir acompanhar o ritmo da turma, pelo fato de minha trajetória estudantil ter sido realizada a distância e em um curto período de tempo.

Dessa forma, como já mencionei nos capítulos anteriores, cursei o ensino médio na EJA, que teve duração de um ano e meio, com aulas presenciais somente aos sábados, e o magistério teve duração de um ano, com aulas presenciais a cada quinze dias. No estudo a distância, as aulas são rápidas e são muitos conteúdos ao mesmo tempo, isso dificulta a aprendizagem, na rapidez desse processo acabam ficando muitas dúvidas difíceis de serem sanadas.

Desse modo, considero que ficaram muitas lacunas a serem preenchidas, causando a fragmentação no decorrer do meu processo educacional. Mas com esforço e dedicação e o incentivo dos meus colegas e dos professores, busco superar a cada dia essas dificuldades.

No primeiro dia de aula, estava apreensiva, seria uma nova experiência e novos desafios que teria que enfrentar; agora começaria a estudar na maior e melhor universidade do Estado do Pará, a UFPA. Sei que muitos estudantes sonham em ingressar nesta conceituada academia.

A interação com várias pessoas de cidades diferentes, de costumes e pensamentos diversificados do meu, alguns dos meus colegas já conhecia, de atuação profissional (docência). Sempre nos encontrávamos nos cursos que eram providos pela SEMEC. É claro que fica difícil abordar tudo o que vivi, uma vez que me encontro no último semestre do curso e, desde meu ingresso na universidade, até aqui, muitas coisas aconteceram. Foram muitas as experiências vivenciadas no Ensino Superior, como debates, que me proporcionaram momentos riquíssimos de conhecimentos; os seminários que me ajudaram a superar o nervosismo e tornaram-me uma pessoa mais segura. Nesses momentos, contei com a ajuda dos professores que foram excelentes e nos deixavam à vontade para realizar as exposições dos trabalhos.

Minha trajetória acadêmica demonstra a superação de quem sabe que não pode mudar o passado, mas pode tentar fazer o futuro diferente, por isso, busco novos conhecimentos, aprofundamentos teóricos, bem como a necessidade de continuar sempre me adequando as novas exigências de ensino e formação. Haja vista que essa formação não se encerra na conclusão do curso de graduação, mas se realiza continuamente na sala de aula, onde surgem dúvidas e conflitos cotidianamente.

Ressalto que o fortalecimento teórico e prático advindos das disciplinas ministradas pelos professores durante o curso, trouxeram-me contribuições significativas para minha formação. Consciente do valor específico de cada uma. Dou ênfase a algumas que me permitiram uma melhor compreensão da minha prática docente. Atualmente minha postura pessoal e profissional melhorou devido ao aprimoramento através das disciplinas estudadas no decorrer do curso.

A primeira disciplina ofertada para a turma foi Filosofia da Educação. Lembro-me bem daquele dia. Julho de 2014. A mesma foi ministrada pela professora Maria Neuza. Estudamos uma semana já que o curso é intensivo e pela primeira vez vi aqueles textos longos e complicados. Recordo-me que além dos outros trabalhos realizados em sala a professora solicitou o resumo do texto “A REPÚBLICA”, O mesmo não era tão complicado, mas eu estava tão nervosa que precisei da ajuda da minha cunhada para realizar o trabalho.

No dia seguinte entreguei a professora e contei a ela resumidamente minha história escolar, falei de como foi meu processo de aprendizagem nos anos iniciais na base da “decoreba”. Nessa época aprendíamos somente as respostas que seriam respondidas nas provas. Daí as dificuldades em leitura, interpretação de textos e produção escrita.

A professora aconselhou-me a reservar mais tempo para a leitura e quanto a escrita orientou-me a comprar um caderno e escrever sobre temas simples que fossem de meu cotidiano, disse-me também que se caso fosse necessário pedisse ajuda a alguém de confiança que pudesse corrigir minha produção escrita e que fosse de me orientar melhor para sanar ou minimizar essas dificuldades. Essa disciplina marcou nossa turma pela importância de termos que aprimorar nossos conhecimentos mais para poder ir além. A disciplina trouxe-me um grande desafio: o de ler mais do que era acostumada. Ela ajudou-me a compreender o quanto a leitura é importante em nossa vida. No final da disciplina a turma obteve bons resultados.

Enfatizo as disciplinas Sociologia, Psicologia e Filosofia da Educação. Foi a partir delas que comecei a compreender o processo histórico da educação bem como a biografia de alguns filósofos, sociólogos e psicólogos que muito contribuíram para o desenvolvimento da educação. Quero citar a disciplina Prática de Ensino em todas as fases da educação infantil, ensino fundamental menor e da EJA. Todas foram importantes porque me ajudaram a entender a necessidade de selecionar melhor os textos utilizados em sala de aula, objetivando a qualidade da aprendizagem.

As disciplinas que contribuíram com a prática em sala de aula foram: Fundamentos da Didática e Formação Docente. Estas me trouxeram conhecimentos riquíssimos e me ajudaram a esclarecer algumas dúvidas, sobre as tendências pedagógicas, planejamento escolar e relação teórica e prática na didática. Ela deu-me o norte, ou seja, ajudou-me definir qual tendência pedagógica que eu trabalho. Outra disciplina que veio somar com meus conhecimentos foi Política Educacional, a partir da mesma passei a ter outra visão do que realmente é política social, e como trabalhar para ajudar a desenvolver o senso crítico dos educandos, para que se tornem mais conscientes e participativos na sociedade.

Enfatizo ainda a disciplina Legislação da Educação Básica, que me oportunizou conhecer melhor algumas leis como: a Constituição Federal de 1988, a LDB (lei de diretrizes e bases da educação). Ressalto que é de suma importância conhecer as leis para que possamos cobrar dos pais, do Poder Público e da sociedade os direitos e deveres que competem a cada um de nós como cidadãos, As disciplinas de Estágios trouxeram-me novos aprendizados, a troca de experiências enriqueceu ainda mais minha prática docente, medida em que os estágios aconteciam minha compreensão era cada vez melhor.

Vale ressaltar, que a cada semestre na universidade o desafio é maior e a busca de novos conhecimentos torna-se mais constante em nossa vida, pois os conhecimentos teóricos me fazem refletir minhas ações na prática educativa enquanto docente e cidadã.

Segundo Paulo Freire (1975, p.32): “O professor aprende com a própria prática, na medida em que toma consciência de suas ações, e reflete a respeito delas e de seus feitos sobre os alunos, sobre a escola e sobre ele mesmo”.

Nesse sentido, não há como negar a importância da reflexão no trabalho docente, visto que a mesma ajuda a detectar pontos positivos ou negativos na

prática educativa. A reflexão crítica sobre a prática pedagógica contribui de forma significativa para que o profissional da educação obtenha bons resultados em sua área de atuação.

Desse modo, concluo que todas as disciplinas ofertadas no decorrer do curso foram de suma importância e forneceram-me subsídios para a ampliação de meus conhecimentos o campo educacional, fazendo uma relação entre minha experiência prática em sala de aula e os conhecimentos teóricos que são oportunizados a cada disciplina ministrada.

4.1 A Vinda do Campo para a Cidade

Morávamos no Rio Tucumanduba Ilhas de Abaetetuba, nossa residência era próxima à casa do meu sogro. Vivíamos bem, até que o meu sogro ficou gravemente doente e precisou de tratamento médico especializado, por esse motivo mudou-se com sua esposa para a cidade de Abaetetuba, sendo que nossa localidade ficava muito longe da cidade e isso dificultava o seu tratamento.

O motivo pelo qual tivemos que nos mudar também, foi que meu sogro disse que só se mudaria para fazer o tratamento se nós viéssemos juntos, e assim o fizemos.

Em janeiro de 2015, nos mudamos da região das Ilhas que é distante da zona urbana. No início, enfrentamos muitas dificuldades de adaptação, como sabemos, a vida do povo ribeirinho é diferente do povo da cidade em relação ao seu modo de vida e trabalho, sendo que a vida das pessoas que vivem a beira dos rios exige um profundo conhecimento da natureza e uma grande articulação com ela. Nesse sentido de acordo com o livro *Memória e Docência: Experiências Formativas em Abaetetuba*, cito aqui a fala da professora Nazaré:

[...] Carrego na veia o sangue de ribeirinha, que jamais deixasse abater pelo desânimo. [...] Aprendi a valorizar o que sou e o que tenho como prioridade, ajudar a melhorar a vida do povo que mora nas ilhas. É o retorno que o Movimento Social precisa: que sejamos militantes, defensores do companheirismo, do amor, responsáveis e lutemos em favor da vida.

Desse modo ao chegar à Abaetetuba, procurei trabalho e consegui contrato para atuar como professora cuidadora na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dr. Vicente Maués, onde fui bem acolhida por toda comunidade

escolar a qual sou eternamente grata por terem me recebido no momento em que eu passava por muitas dificuldades.

Nos anos de 2015 e 2016 que atuei na escola trabalhei na Educação Especial, apesar dos graves problemas de saúde e da falta de experiência nessa área a passagem pela instituição trouxe-me novos aprendizados.

Atualmente estou fora de sala de aula cuidando de minha saúde, mas estou com muita saudade de tudo o que envolve o ambiente escolar, mesmo não estando trabalhando na educação, continuo buscando mais qualificação, assim que for possível pretendo voltar à ativa.

4.2 As Mudanças Ocorridas na Minha Prática Docente Após Meu Ingresso na Universidade.

Para fazer essa comparação do antes e depois da Universidade vou relatar o que mudou na minha prática como professora.

No decorrer do curso, aprendi muitas coisas importantes que vieram contribuir para a minha formação docente. Através da reflexão e dos aprendizados adquiridos durante o curso superior, percebi que precisava mudar minha forma de ensinar e agir. Talvez pelo fato de ter vindo de uma formação tradicional, cheguei a reproduzir muitos erros com os meus alunos, mas após refletir criticamente sobre minha prática educativa estou convicta de que a mudança é possível, mas deve acontecer gradativamente, pois não é fácil romper com os velhos paradigmas.

O Curso de Pedagogia possibilitou-me grandes descobertas profissionais. Foi durante a graduação que me identifiquei mais ainda com a docência e me certifiquei de que fiz a escolha certa. A partir deste curso passei a ter um olhar mais reflexivo diante de minha prática Pedagógica. De acordo com Farias:

A formação configura-se como atividade humana inteligente, de caráter processual e dinâmico, que reclama ações complexas e não lineares. Nesse sentido trata-se de um processo no qual o professor deve ser envolvido de modo ativo, precisando continuamente desenvolver atitudes de questionamento, reflexão, experimentação e interação que fomentem a mudança. (FARIAS, 2009, p.77).

Portanto, a docência é uma profissão complexa, é um campo permeado por tensões, conflitos e dúvidas. No contexto atual em que os problemas políticos,

econômicos estão aliados a crescente evolução científica e tecnológica, reflete-se em mudanças nas formas de ser e de viver dos homens e mulheres que convivem em sociedade. Está aí, então, a necessidade da escola em mudar. Espera-se essa mudança principalmente no foco de atuação do professor.

Nesse sentido, o professor precisa estar em constante formação. Assim como os motores dos automóveis precisam de combustível essencial para funcionar, o conhecimento é o combustível essencial para o trabalho docente. É necessário empenhar-se ao máximo na busca de respostas para os questionamentos e refletir sobre a própria Prática, para que as mudanças necessárias possam acontecer.

No decorrer do curso Superior lemos muitos textos, assistimos vídeos educativos e documentários referente a questão educacional. Também durante os quatro anos de curso pude ler alguns livros indicados pelos professores de autores como: Paulo Freire, Emília Ferreiro, Vygotsks, Pimenta entre outros. Os conhecimentos teóricos adquiridos das leituras realizadas durante minha formação Superior ajudaram-me a reavaliar minha prática, despertando em mim a necessidade de transformar a minha didática e metodologias em sala de aula. Ou seja, para construir uma Prática Pedagógica diferente, compreendi que precisava inovar construindo uma nova postura profissional, mais dinâmica e criativa, inclusive no que se refere a avaliação. Para desenvolver uma prática avaliativa que dê importância aos processos de aprendizagem, é necessário que eu enquanto professora desenvolva a capacidade de abrir os olhos. Olhar para além do que está visível. Sobre esta questão é possível conhecer alguns instrumentos desta para serem aplicados em sala de aula.

Não basta avaliar as aprendizagens realizadas por nossos alunos e alunas, mas que também é necessário avaliar nossa própria atuação como professores e as atividades de ensino que planejamos e desenvolvemos com eles (COLL, 1996, P. 1998).

A partir do curso de graduação faço reflexões constantes sobre minha prática docente. Os aprendizados advindos do curso de Pedagogia possibilitaram-me uma nova visão sobre a educação e tudo o que envolve o processo educativo, em especial a avaliação que é um instrumento importante nesse processo, hoje procuro novas formas de avaliar o meu trabalho e a aprendizagem de meus alunos.

No decorrer do curso aprendi novas metodologias de ensino que utilizarei em sala de aula para instigar meu aluno sobre sua capacidade de criar, recriar e enfrentar desafios. Segundo Freire: “Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua produção ou construção, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Entendo que ensinar é preparar o aluno para a vida com a capacidade de transformar a sociedade, formando o mesmo para o exercício da cidadania, que é o papel importante no processo educativo.

Relembrando os momentos de estudos em sala de aula e, às vezes, às atividades extraescolares na Universidade, pude refletir sobre diversas concepções que vieram contribuir no desenvolvimento e no planejar de minha prática pedagógica dentre elas cito: A importância do planejamento enquanto instrumento para minha prática pedagógica.

Entendo que tudo o que fazemos deve ser planejado e em nosso trabalho não pode ser diferente, pois através do planejamento realizamos as atividades dentro do ambiente escolar com sucesso.

Planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser planejada. É buscar fazer algo incrível, essencialmente humano é o real a ser comandado pelo ideal. Percebo que planejar é tentar prever, amarrar os acontecimentos no tempo futuro ao nosso desejo.

Portanto para obter bons resultados no processo educativo é necessário um planejamento sério, coerente e comprometido com a prática pedagógica desse modo concordo com Libâneo:

O planejamento escolar é o planejamento global da escola, envolvendo o processo de reflexão, de decisões sobre a organização, o funcionamento e a proposta pedagógica da instituição. É um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e problemática do contexto social (1992 p. 221).

Dessa forma, considero o planejamento uma ferramenta importante no processo educativo, mas o mais importante é conhecer a realidade na qual os educandos estão inseridos, para assim poder direcionar o trabalho docente, percebo que planejamento deve ser algo flexível, ou seja, sempre que o educador achar necessário deve rever seu planejamento escolar adequando-o de acordo com a necessidade dos educandos.

Desse modo, as propostas de aprendizagem proporcionadas pelo curso foram significativas e os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso são eternos na minha trajetória docente, atualmente faço uma relação do cotidiano vivido anteriormente e sei que tudo mudou. Posso afirmar que tenho mais facilidade para pesquisar e aprofundar-me nos assuntos que irei trabalhar com os alunos.

Entretanto apesar dos desafios no trabalho docente pretendo oferecer aos alunos o melhor aprendizado que estiver ao meu alcance, pois a minha visão sobre a educação ampliou-se.

Portanto, a profissão do professor deve ser vista e revista com outros olhares. Com esta perspectiva, pretendo inovar minhas práticas em sala de aula e ser uma profissional mais comprometida com a qualidade do ensino, buscando mais qualificação profissional visando alcançar bons resultados em minha área de atuação, oportunizando aos educandos uma aprendizagem significativa, onde eles sejam capazes de pensar e refletir criticamente sobre a realidade e dessa forma entender o que se passa ao seu redor, ou seja, que os mesmos sejam conscientes de seus direitos e deveres de cidadãos. Afinal o curso aumentou as minhas expectativas abrindo nos caminhos a percorrer.

Ressalto que depois desses quatro anos de estudo pude refletir sobre minha prática, percebendo o quanto é árdua a profissão, difícil mesmo, porém muito gratificante. Recorro a Freire quando diz da profissão de professor:

Tenho certeza de que um dos saberes indispensáveis à lutas professoras e professores é o saber devem forjar neles, que devemos forjar em nós próprios, da dignidade e da importância de nossa tarefa. Sem esta convicção, entramos quase vencidos na luta por nosso salário e contra o desrespeito. Obviamente reconhecer a importância de nossa tarefa não significa pensar que ela é mais importante entre todas. Significa reconhecer que ela é fundamental. (FREIRE, 1995, p. 48).

Enfim, no decorrer do curso pude compreender a importância das teorias e práticas pedagógicas, que aliadas a um bom planejamento, visam contribuir para o trabalho docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever este memorial pude revisitar minha história escolar e profissional, lembrando os bons e maus momentos de minha trajetória de vida. Apesar dos obstáculos enfrentados no decorrer desse percurso, sempre fui perseverante na luta por meus ideais de vida.

A memória tem o legado de contribuir para o conhecimento através dos relatos de vida, em que o ato de lembrar é presente evocado com carinho no aprendizado. Através constatou-se que as lembranças das histórias de vida, nos ajudam a recuperar imagens e ações vivenciadas no passado, experiências vividas e trazidas ao presente que oportunizam ao docente uma profunda reflexão de sua prática educativa.

No entanto ao refletir sobre minha prática educativa, lembro-me de minha passagem pela Universidade, onde tive oportunidade de repensar minhas metodologias de ensino e de aprofundar meus conhecimentos teóricos e práticos. O curso de Pedagogia contribuiu para meu crescimento profissional e pessoal.

Os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, fizeram de mim uma profissional mais corajosa, alguém que questiona, que busca mais embasamento teórico para desenvolver um trabalho com segurança e responsabilidade. Sabendo que o conhecimento se transforma constantemente, o educador deve estar em formação permanente. A realidade muda e, o saber que construímos sobre ela precisa ser revisto e ampliado sempre.

Ressalto a importância da EJA, em minha vida, pois através da mesma pude dar continuidade aos meus estudos. Mesmo que meu processo escolar tenha sido a distância, meu esforço e dedicação possibilitaram-me o aprimoramento dos meus conhecimentos, oportunizando-me a realização do meu sonho de ser professora. Tenho a considerar que todas as experiências vivenciadas em sala de aula foram marcantes em minha vida, porém a experiência que vive durante os três anos em que trabalhei na EJA é inesquecível para mim.

Desse modo, o fato de ter sido aluna da EJA, e depois ter atuado como profissional da EJA, foi gratificante, porque pude contribuir na aprendizagem das pessoas da minha localidade. Sou grata a toda a comunidade escolar que acreditou na minha capacidade, isso demonstra o potencial da EJA.

Nesse sentido, reconheço que é imprescindível que a educação vá além da escolarização, pois educar vai além de ensinar a ler e escrever. Meu objetivo enquanto educadora é contribuir para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores de seus direitos para que possam ter a perseverança e a coragem de lutar por seus objetivos.

Entendo que minha história de vida é complexa. Minhas escolhas foram ousadas, mas não me arrependo, pois as dificuldades enfrentadas permitiram-me ser forte para enfrentar as diversas situações que a própria vida se encarrega de apresentar.

Sei que não aprendi tudo o que desejo, mas aprendi o essencial que a curiosidade deve me mover, que após cada vitória eu possa estar preparada para alcançar novos voos.

Cabe ressaltar que a instituição de ensino UFPA, conta com uma equipe de profissionais qualificados, que desenvolvem um trabalho de qualidade. Desse modo, mesmo o curso sendo intensivo, foi possível construir uma aprendizagem significativa e de qualidade.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Constituição Federal de 1998. Brasília, D. F. 1998.

BOSI, Ecléa. *Mémoria e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

COLL, César; MARTIN, Elena; MAURI, Tereza et al. **O construtivismo na sala aula**. São Paulo: 6ª ed. Série Fundamentos, 1996.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – Dispositivos Constitucionais Pertinentes – Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Legislação Correlata – 8ª edição – Brasília – D.F. 2009.

FARIAS, Izabel Maria Sabino de et al. **Fundamentos da Prática Docente: elementos quase invisíveis**. In: Didática e Docência: aprendendo a profissão. Brasil: Líder livro, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: paz e Terra. 1975. 150p.

_____, A importância do ato de ler. 43. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____, *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1987.

_____, Paulo. **Professora sim tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. 6ª ed. São Paulo: Olho d' Água, 1995.

<http://pedagogiaaopedaleta.com/wp-content/uploads/2011/02/EJA.jpg>.

<https://www.pensador.com/pensador.com/paulo-freire>

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar: Teoria da prática**. 4. ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

MELO, Luciana; VALE, Elizabeth. **O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil. Psicologia Argumento**, Curitiba, V. 23, Nº 40, p. 43 – 48, janeiro/ março. 2005.

MEMÓRIA E DOCÊNCIA: **Experiências formativas em Abaetetuba**, Organizadoras, Lina Gláucia Dantas Elias; Mara Rita Duarte de Oliveira; Roseane do S. Reis Fernandes-Abaetetuba (PA): Literacidade, 2011. 112p.

PIAGET, Jean, **Trabalhos Feitos. Com.**Retirado de 08.2012, [http: www.trabalhosfeitos.com/ensaio/vida-obra-de-Piaget/319365html](http://www.trabalhosfeitos.com/ensaio/vida-obra-de-Piaget/319365html).

QUEIROZ, M.I. **Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”**. In: VON SIMSON (Org.). Experimento com histórias de vida: Itália-Brasi. São Paulo: Vértice, 1998, p. 14-34.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as Ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

Simone de Fátima Paris; Marília Pena Corrêa; Joserlina Raimunda Maués de Moraes. Centro de Desenvolvimento de Competência – CDC, V. 1, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **Memória entre a Oralidade e escrita. Relatório de Pesquisa**, CNPq, PUC – RS, 2005.